

“ECHELON” X SEGURANÇA NACIONAL

Silvio Potengy (*)

Segurança Nacional, segundo a Escola Superior de Guerra, é conceituada da seguinte forma: “*A Segurança Nacional é a garantia relativa, para a Nação, da conquista e manutenção dos seus objetivos permanentes, proporcionada pelo emprego do seu Poder Nacional*”.

Um dos temas em debate hoje, em todo o mundo, é sobre até que ponto a Segurança Nacional dos Estados tem sido afetada sem que saibamos. O fato novo que gerou toda essa discussão foi um projeto conhecido como **Rede Echelon**.

Esse projeto, em fevereiro do corrente ano, deu início a uma polêmica de múltiplas dimensões. Interesses políticos, estratégicos e comerciais, além da condução da política pública e análise de aspectos legais, passaram a ser alvo de preocupação de estudiosos, empresários e homens públicos em todos os continentes.

Mas, afinal, o que vem a ser esse projeto? Qual será o motivo para tanta preocupação?

Há pouco mais de meio século, foi firmado o *US 1948 Intelligence Cooperation Agreement* (Acordo de Cooperação de Inteligência), envolvendo Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

Nos anos 60, as redes de vigilância eram encaradas com naturalidade sob o ponto de vista da segurança nacional das nações ocidentais. Ao mesmo tempo em que eram feitas as interceptações e escutas de telecomunicações soviéticas, algumas poucas comunicações aliadas podem ter sido interceptadas acidentalmente. Ninguém foi alertado para essa possibilidade e, caso viessem a tomar conhecimento, não protestariam de forma veemente. Entretanto, havia uma grande diferença: o **Echelon** ainda não existia.

Com o início da dissolução da União Soviética, no final dos anos 80, as prioridades começaram a mudar. Já não havia a necessidade premente de manter-se uma vigilância tão forte como antes. As prioridades foram reordenadas com interesse maior para a área econômica. Foi quando o **Echelon** começou a ser motivo de preocupação para todos.

O **Echelon** é um sistema de vigilância, instalado e operado pela *NSA – US National Security Agency* (Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos) –, com excepcional capacidade para interceptar, localizar, ouvir, gravar e decodificar mensagens. Sua eficácia é lendária, quase um mito.

James Bamford, autor do livro *The Puzzle Palace* (1982), publicou um artigo em 28 de agosto de 1998, no qual apresentava pela primeira vez um balanço detalhado das operações da *NSA*, demonstrando a queda do ritmo de produção da agência, com as seguintes palavras: “*Ao final da guerra fria, a Agência era capaz de reportar apenas 20% do processo de toda a informação obtida. Na metade da década de 90, esse volume de disseminação de informações caiu para 1%, quase nulo*”.

O *US News and World Report*, em sua edição de 14 de fevereiro de 2000, pintou um quadro

apocalíptico da operação do *NSA*, creditando a sua queda de produção ao catastrófico espírito burocrático.

Nessa seqüência de fatos, Donald Campbell, do Reino Unido, submeteu um relatório ao Parlamento Europeu, em 23 de fevereiro de 2000, detalhando certas atuações não usuais da *NSA*.

Uma delas foi a interceptação de uma comunicação de uma empresa européia anunciando o pagamento de comissões para intermediários com o objetivo de vencer uma colossal concorrência internacional de aeronaves. A *NSA* passou essa informação a uma empresa americana, que retificou seus preços e suas comissões e venceu a concorrência que era da ordem de 10 bilhões de dólares.

Tudo isso, entretanto, não explica como foi que *Echelon* veio a se tornar de conhecimento público e um objeto de intrigas, incitando a curiosidade mundial. Aqueles fatos foram algumas das peças de um “quebra-cabeças” que aos poucos vai tomando forma.

O *Echelon* foi realmente exposto através dos insistentes e persistentes esforços de um grupo de usuários da Internet, cuja causa foi assumida por um representante do Partido Republicano, Bob Carr, oficial aposentado da *CIA*, em meados de 1999.

Esta ação levou ao conhecimento do público em geral, a existência do *Echelon*, através da colocação na rede Internet, em fevereiro de 2000, de documentações da *NSA*, obtidas sob a proteção do *Freedom of Information Act*.

Agora o *Echelon* está sob ataque: na Europa onde uma ação pode ser movida pela Comissão Européia; em vários países (França, Itália, Dinamarca e Japão) onde procedimentos legais podem ser iniciados contra a *NSA*; e nos Estados Unidos onde a *House of Representatives* marcou audiências sobre a atuação do *Echelon*.

Mas qual é o ponto crucial do problema? Porque os internautas americanos querem mover uma ação contra o *Echelon*? A resposta é simples: eles se tornaram o alvo desse sistema de vigilância (monitoramento da Internet, interceptação de e-mail, etc.).

A lista, elaborada pelo Professor Simpson da *American University of New York*, de palavras-chave usadas pela *NSA* (palavras usadas para seleção de mensagens a serem interceptadas e analisadas) mostram a orientação política doméstica que a Agência tem recebido (a *NSA* não tem direito de operar em território americano).

Palavras como “Clinton”, “Vince Foster”, “Militia”, “Davidian”, “Abolish the Federal Reserve”, etc. são imediatamente interceptadas e rastreadas pelos supercomputadores do *Echelon*. Isso dá uma clara noção do quanto a privacidade e a liberdade de opinião estão sendo colocadas em risco.

Se as telecomunicações estão sendo monitoradas até o ponto em que mesmo o seu computador pessoal não está livre de ser investigado, se palavras-chave de cunho político ou econômico, ao serem pronunciadas ou digitadas, não têm a necessária salvaguarda e são interceptadas, e se essas informações, ao serem colhidas, podem ser usadas para fins políticos ou comerciais, então como ficará a segurança nacional? Até que ponto as informações que pensamos estar protegidas não são do conhecimento alheio?

A atividade de coleta de informações é tão antiga quanto a existência da humanidade. O que faz a diferença em nossos dias é o nível de sofisticação que os equipamentos terrestres, aéreos e aeroespaciais podem atingir.

Alguns poderão apelar para o “direito” que as Nações têm de não sofrerem ingerências externas nos assuntos internos. Outros apelarão para a necessidade de serem observados princípios éticos na condução de negociações comerciais entre as partes. Haverá até quem acuse o agente que coleta as informações de cometer ato ilícito de espionagem. De qualquer modo, essas atitudes não

irão resolver o problema.

É fundamental que todos tenhamos a exata noção de nossas vulnerabilidades. Esse é o primeiro passo que deve ser dado. Uma vez conscientes disto, já teremos, pelo menos, condições de dificultar a coleta de dados que sejam sensíveis, sendo mais cuidadosos.

Outro passo a ser dado é desenvolver com nossos próprios recursos humanos e materiais, dispositivos que possam ser bloqueadores e codificadores de nossos meios de telecomunicações mais sensíveis.

Em nenhuma hipótese devemos admitir a colaboração de pessoas que não sejam brasileiros natos ou a importação de tecnologia e equipamentos de segurança oriundos de outros países. Essa é uma tarefa que teremos de levar a cabo sozinhos, caso contrário não surtirá o efeito desejado.

O último passo será dotar o nosso país com ferramentas eficazes de coleta de informações, diminuindo a imensa defasagem hoje existente.

O *Echelon* constitui um elevado fator de risco para a soberania de qualquer país, isso é inegável. Entretanto, o verdadeiro perigo está em ficarmos imóveis, omissos, sem encararmos o problema de frente e buscarmos soluções concretas para nossa proteção.

Não será uma rede de vigilância que irá impossibilitar o nosso País de conquistar e manter os objetivos nacionais.

Nosso futuro depende e dependerá sempre apenas de nós!

(*) Coronel Aviador da Reserva – Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra – Adjunto da Divisão de Assuntos Militares